



## **Religiosidade em Romeu e Julieta: William Shakespeare x Baz Lurhmann<sup>1</sup>**

Manuella Vieira Reale<sup>2</sup>

Lívia Lopes Barbosa<sup>3</sup>

Universidade Federal do Pará, UFPA

### **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo expor algumas liberdades interpretativas de Baz Lurhmann, no filme “Romeu + Julieta”, na transposição para o cinema da peça “Romeu e Julieta”, de William Shakespeare. Para isso foi feito um recorte das temáticas abordadas, selecionando a de caráter religioso. A comparação de alguns elementos imagéticos e textuais ao longo do artigo nos leva à compreensão dessas duas obras como formas válidas de representação da história abordada. A metodologia utilizada foi a observação entre as referidas obras, tendo como apoio alguns textos base relacionados ao tema.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romeu e Julieta; William Shakespeare; Baz Lurhmann; Religião.

### **1. O AUTOR<sup>4</sup>**

William Shakespeare, poeta e dramaturgo inglês, nasceu em uma cidade da Inglaterra chamada Stratford-upon-Avon no dia 23 de abril de 1564 e lá faleceu exatos 52 anos depois. Muitas de suas obras permanecem vivas até hoje, sendo revisitadas com frequência pelo teatro, televisão, cinema e literatura. Entre seus textos mais conhecidos estão “Romeu e Julieta” (1594-1596) e “Hamlet” (1600-1601), sendo a maior parte de seu trabalho produzida entre 1590 e 1613. Suas primeiras peças eram principalmente

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 06 - Interfaces Comunicacionais do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 1 a 3 de junho de 2011.

<sup>2</sup> Estudante do 3º semestre do curso de Graduação em Comunicação Social, com ênfase em Jornalismo, pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq do projeto de pesquisa Ciência e Comunicação na Amazônia (CIECz) e integrante do Grupo de Pesquisa em Audiovisual e Cultura, certificado pelo CNPq. Além de colaboradora das atividades desenvolvidas no projeto “Academia Amazônia” da Faculdade de Comunicação da UFPA. E-mail: [manureale@gmail.com](mailto:manureale@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora adjunta da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará e coordenadora do projeto “Oficina de Criação” da Faculdade de Comunicação da UFPA. Email: [liviabarbosa.com@gmail.com](mailto:liviabarbosa.com@gmail.com)

<sup>4</sup> Informações retiradas de SILVA, 2006.



comédias e peças históricas, gêneros que ele levou ao ápice da sofisticação e do talento artístico ao fim do século XVI.

Shakespeare foi um dramaturgo respeitado em sua própria época, mas foi no século XIX que sua reputação atingiu o nível em que se encontra hoje. Os românticos, sobretudo, aclamaram a genialidade de Shakespeare, e os vitorianos idolatraram-no como um herói. No século XX sua obra foi adotada e redescoberta repetidamente. Suas peças permanecem extremamente populares e são estudadas, encenadas e reinterpretadas constantemente, em diversos contextos culturais e políticos, por todo o mundo.

### 1.1 SHAKESPEARE E A RELIGIÃO<sup>5</sup>

O contexto em que o autor viveu foi um forte período de embates religiosos. Portanto, para entender o posicionamento de Shakespeare, é necessário que antes se faça uma ambientação. O século XVI, na Inglaterra, foi marcado por grandes avanços e intensas mudanças. Em 1517, iniciou-se com Martinho Lutero a Reforma Protestante, um movimento contra algumas doutrinas da Igreja Católica da época, como a venda de indulgências. Logo depois surgiu o Calvinismo, que atrelava o trabalho à salvação religiosa, sendo facilmente disseminado pela Europa devido ao interesse da classe burguesa.

O rei da Inglaterra, Henry VIII, por seus gastos desenfreados com guerras e conseqüente dificuldade econômica, começou a cobiçar as posses da Igreja Católica. Usou como pretexto a recusa do papa em lhe dar o divórcio, tomou as terras da Igreja Católica e fundou a Igreja Anglicana. “Repare a confusão religiosa da Inglaterra do período: o povo era católico, o Parlamento (a burguesia) era calvinista ou luterano, e o rei, anglicano.” (SILVA, 2006).

Descobrimos em Holden (2003) que Shakespeare veio de raízes católicas, inclusive sendo criado nessa doutrina. Entretanto é imprudente afirmar que Shakespeare era católico, já que o autor não declarava abertamente sua escolha devido ao cenário traçado anteriormente. “Com a volta das perseguições aos católicos e mais execuções de jesuítas disfarçados, Shakespeare parece sensato de não alardear sua religião – se é que o

---

<sup>5</sup> Idem.



catolicismo ainda significava alguma coisa para ele.” (HOLDEN, 2003. p. 81). Contudo, pode-se afirmar que o dramaturgo realizava uma resistência pacífica em suas peças, como veremos adiante.

## **2. A OBRA**

A peça teatral “Romeu e Julieta” foi escrita por William Shakespeare entre os anos de 1594 e 1596, durante o período da rainha Elizabeth. Esta época foi o ápice da renascença inglesa, na qual a literatura e a poesia do país floresceram. Os estilos das peças, nesse tempo, rompiam com estilos antecessores.

Tendo sua origem na vontade de intelectuais e artistas do fim da época feudal e início da era moderna de recuperar a cultura greco-romana, o Renascimento se opôs à mentalidade medieval mediante a idéia de que a razão deveria se sobrepôr ao pensamento religioso tradicional e ser aplicada para um melhor entendimento do mundo. Em vez de dar ênfase no “mundo de Deus”, a sociedade caminhou para um antropocentrismo (homem como centro), valorizando a obra humana. Isso levou ao desenvolvimento do racionalismo, do humanismo e do nacionalismo. (SILVA, 2006, p. 110)

Nesse sentido encontra-se a história de Romeu e Julieta. Dois jovens de famílias rivais, Romeu (família Montecchio) e Julieta (família Capuleto), apaixonam-se perdidamente e decidem se casar. Com a ajuda de Frei Lourenço - esperançoso da reconciliação das famílias através da união dos dois jovens - eles se casam secretamente. Tebaldo, primo de Julieta, desafia Romeu para um duelo, mas como ele agora considera Tebaldo seu companheiro, recusa a luta. Mercúcio, amigo de Romeu, aceita o duelo em nome deste. Durante o duelo, Mercúcio é fatalmente ferido e Romeu, irritado com a morte do amigo, prossegue o confronto e mata Tebaldo. Romeu é exilado para Mântua por ter matado um Capuleto.

O pai de Julieta concorda em casá-la com Páris e ameaça deserdá-la quando ela recusa a proposta. Julieta, então, visita Frei Lourenço, pedindo-lhe ajuda para escapar do casamento, e o Frei lhe oferece um pequeno frasco que, se ingerido, faz com que a pessoa fique num estado semelhante à morte. Se os familiares acreditarem que a moça está morta, ela não se casará indesejadamente. Por fim, Lourenço promete que enviará um mensageiro para informar Romeu do plano.



A mensagem, contudo, termina sendo extraviada e Romeu pensa que Julieta realmente está morta. Amargamente, o protagonista compra um veneno fatal de um boticário e dirige-se para a cripta dos Capuletos. Por lá, ele encontra Páris e mata-o. Ainda acreditando que sua amada está morta, ele bebe o veneno. Julieta acaba acordando e, ao descobrir a morte de Romeu, suicida-se com o punhal dele. As duas famílias se encontram na tumba e descobrem os mortos. Frei Lourenço reconta a história do amor impossível dos jovens para as duas famílias que agora se reconciliam pela morte dos seus filhos.

## 2.1 A RELIGIÃO EM ROMEU E JULIETA

Em “Romeu e Julieta”, a religião católica aparece apenas como pano de fundo. Ela é marcada, principalmente, pelo personagem de Frei Lourenço e algumas falas no decorrer da trama. Como já foi explicado, naquela época eram grandes os embates religiosos dentro da Inglaterra, portanto Shakespeare não poderia fazer grandes alusões ao catolicismo, mantendo apenas uma postura superficial. Inclusive, por conta das referências católicas em seus escritos, o dramaturgo fora classificado como opositor à Reforma Protestante. (SILVA, 2006)

Na obra, são visíveis alguns trechos de cunho religioso. Como na cena em que a Ama fala com Julieta logo depois que aquela diz que vai se casar com Páris, o pretendente escolhido por seu pai.

Bem, fizestes uma escolha muito simples, não sabeis escolher homem. Romeu... Não, ele não! Conquanto ele tenha o rosto mais bonito do que não importa quem for, suas pernas levam vantagem sobre as de todos os homens. Quanto às mãos, pés e o corpo, muito embora nada se tenha a dizer, estão acima de qualquer confronto. Não é a flor da cortesia, mas, posso asseverar-vos, é manso como um cordeiro. Prossegui nesse caminho, menina e continuai servindo a Deus (SHAKESPEARE, 1998. Cena V, Ato II)

Outro trecho é quando Julieta perdoa Romeu por ter matado seu primo Tebaldo: “Que perdoado seja por Deus como por mim já o foi” (Cena V, Ato III) E ainda no momento em que Julieta pede ajuda para Frei Lourenço reuni-la a Romeu, já que esse fora exilado para Mântua, por ter matado o primo da moça.

Não me fales, padre, no que soubeste a esse respeito, se o meio não disseres de evitá-lo. Se em toda tua ciência não achares nenhum recurso, ao menos chamais sábia minha resolução, pois esta faca já já me ensinará remédio pronto. Meu coração e o de Romeu reunidos foram por Deus; as mãos tu nos juntaste. Antes, pois, que esta mão, por ti fechada na de Romeu, possa servir de timbre para outra transação, ou que meu coração, com perfídia revoltosa, corra para outro, assim os dois liquido. Por tudo isso, com tua experiência, dá-me logo um conselho. (SHAKESPEARE, 1998. Cena I, Ato IV)

### 3. O FILME

O longa-metragem “Romeu + Julieta” foi escrito e dirigido por Baz Lurhmann, em 1996. A história é baseada na peça “Romeu e Julieta”, porém é adaptada para a contemporaneidade. Tudo se passa na cidade fictícia “Verona Beach”, onde os dois jovens, de famílias rivais, se apaixonam. O filme mantém, basicamente, a mesma seqüência do livro, mas o contexto foi modernizado.

Desde a primeira cena, na qual o prólogo é uma reportagem de um telejornal local, até as lutas em que, em vez de espadas, os homens utilizam armas de fogo, o cineasta teve a liberdade e criatividade para reinventar essa tragédia e trazê-la para seu período histórico. É interessante notar que adaptar uma obra teatral para o cinema vai além da oralidade, como é o caso desse filme. As mudanças de sentido são notadas muito mais fortemente no plano imagético do que na fala dos personagens. Além disso, outro grande elemento para a modernização da história é a trilha sonora. Contendo músicas modernas e ritmo *pop*, a trilha colabora para esse clima moderno que a obra busca.

#### 3.1 A RELIGIÃO EM ROMEU + JULIETA

No filme “Romeu + Julieta”, uma das grandes modificações feitas por Baz Lurhmann em relação ao texto original foi a adição de muitos elementos religiosos. Em vários trechos do filme, diferentemente da peça, esses elementos são bastante evidentes. Desde a cena inicial, na qual observamos uma estátua de Cristo no meio da cidade, com os braços abertos (em cruz), com as mãos em atitude de bênção, estátua estrategicamente posicionada, por sua vez, em uma encruzilhada, sugerindo escolhas a fazer de caminhos a seguir (Fig. 1), até a cena final.



Fig. 1: retirada do filme “Romeu + Julieta” de 1996.

Na última cena (Fig. 2), deparamos com o interior de uma Igreja, onde os dois jovens morrem, em um ambiente repleto de cruzes luminosas que, ao mesmo tempo em que marcam o sacrifício, acenam com o céu (luz) que aguarda os mártires (os jovens sacrificam-se, também, para que as famílias rivais se unam, por fim).



Fig. 2: retirada do filme “Romeu + Julieta” de 1996.

É importante lembrar que essas “adições” ocorrem basicamente no plano imagético, visto que as falas dos personagens continuam similares às da peça.

### 3.1.1 O TÍTULO E SUA REPRESENTAÇÃO GRÁFICA

Baz Lurhmann, desde antes de começar o filme, já mostra como será sua adaptação e a qual aspecto ele decide dar ênfase. O logotipo do título do filme (Fig. 3) é um dos elementos de mais rica análise.



Fig. 3: retirada do filme “Romeu + Julieta” de 1996.

É possível notar que Lurhmann deseja adaptar a obra e, não, criá-la. Está bem evidente de onde ele tira a idéia do filme, pois o título diz “William Shakespeare’s Romeo + Juliet”, ou seja “Romeu e Julieta de William Shakespeare”. É interessante essa percepção, pois a própria história dos jovens Romeu e Julieta não foi inventada por Shakespeare.

A história dos infelizes amantes de Verona, como suposto acontecimento histórico, é dada como ocorrida no ano de 1303, não existindo, porém relato anterior ao de Luigi do Porto, composto por volta de 1524. Uma história de certo modo semelhante, na qual também uma droga soporífera é empregada como meio para evitar-se um casamento forçado, é narrada na *Efesíaca* – de Xenofonte de Êfeso – um romanceiro grego da Idade Média, e uma outra, semelhante na substância, em torno da aventura de Mariotto e Gianozza de Siena, se encontra numa coleção de Mascuccio de Salerno, de 1476. Mas Luigi da Porto, com sua *Istoria Novellamente Ritrovatta di Due Nobili Amanti*, é o primeiro a nomear Romeu e Julieta e a fazê-los filhos das duas famílias rivais de Verona. (PENNAFORT, 1940. p. 193)

Como vemos em Silva (2006), a utilização de eventos de outras peças para criação de novas versões era algo comum na época elizabetana. “O que Shakespeare fez – e aí reside o motivo de sua versão ser a conhecida até hoje – foi trabalhar a estrutura da peça, sua linguagem, e imagens para que o resultado final fosse muito superior ao das versões anteriores.” (SILVA, 2006. p. 125).



Outro fator significativo são as cores utilizadas. Como plano de fundo vemos o preto que representaria o mal, as trevas, a rivalidade entre as duas famílias, além de uma espécie de antecipação do luto pela morte do casal, ao final da história. Já o nome da obra, assim como o dos protagonistas, está em branco. Este já representaria o bem, a luz, o amor e pureza dos jovens. Seria a sublimação do amor que paira acima da briga entre as famílias.

É perceptível o intenso contraponto entre as duas cores, tanto que elas não se misturam em nenhum momento, sugerindo igualmente início e fim (o branco é a luz, reunião de todas as cores, no prisma, e o preto, é na verdade, ausência de luz), vida (dar à luz) e morte (fechar os olhos à luz). Essa oposição é visível também na própria história, na qual o amor dos jovens perdura firme até o fim da trama, mesmo que todo o mal que os envolve remeta ao contrário.

Ainda falando sobre as cores, encontramos o vermelho unindo o nome dos dois personagens. Nesse caso, ele representa a paixão exacerbada entre os dois. Nota-se que a cor está por cima dos nomes, evidenciando que essa paixão já é algo intrínseco a eles, formando suas identidades. Ao mesmo tempo, o vermelho representa sangue, a morte anunciada dos dois, por conta dessa paixão.

Percebemos também que a tipografia utilizada é “dura” (sem serifa nem adornos e com uma textura que remete ao mármore - talvez das lápides que aguardam os jovens?), com a intenção de, em um primeiro momento, mostrar que se trata de uma tragédia, alertando sutilmente o público quanto à história dramática que o aguarda.

O sinal de adição entre os dois nomes possui várias interpretações. Ele representa a união dos dois jovens pelo amor, símbolo fortalecido pela cor vermelha. A cruz também representa o símbolo de amor e salvação da religião católica. É o sacrifício de Jesus pela humanidade. “Pois o próprio filho encarnado por sua cruz reconciliou todos os homens com Deus, restabelecendo a união de todos em um só Povo.” (CATECISMO, 2006, p. 233). Levando essa interpretação em conta, a morte do casal poderia sugerir que eles se sacrificam pela união das duas famílias, como se fosse pela salvação delas. Aqui reúnem-se os dois significados do termo “paixão”: o do enamoramento sem medidas e o do sofrimento, do sacrifício, como a paixão de Jesus, base do cristianismo.





É interessante notar que este sinal é a única tipografia serifada do título. Isto significaria a dramaticidade dessa união, como se o sangue escorresse do nome dos dois. Assim como o sinal pode ser visto como dois “I” (“eu”, em inglês) fundidos, em um “nós”, um por cima do outro. Isto se assemelha muito à maneira como os dois jovens são encontrados mortos, um sobreposto ao outro.

### **3.2 SHAKESPEARE X LURHMANN**

Não há dúvidas de que Baz Lurhmann adaptou William Shakespeare da sua própria maneira. O interessante é se perguntar o porquê de certos “exageros” acontecerem. Tudo está ligado ao contexto de cada um, ao momento histórico que vivenciaram. Na Inglaterra do século XVI, William Shakespeare convivia com embates religiosos constantes, num momento em que nem tudo podia ser dito. A liberdade de expressão era limitada. Do outro lado estava Baz Lurhmann, vários séculos depois, em um Estados Unidos onde a pluralidade cultural é imensa e embates religiosos existem, mas as pessoas não são presas por falar o que pensam.

Shakespeare não estava em um momento propício para escrever certas coisas, no caso analisado, elementos relacionados à religião católica. Quando Lurhmann pega o texto do dramaturgo e acrescenta certos elementos, isso tem um significado: ele introduziu sua interpretação àquela obra. O que ele carregava de mais forte em sua “bagagem cultural”, e que acabou ali adicionando, foram elementos próprios de sua época.

(...) os indivíduos não poderiam de nenhuma forma ser os ‘autores’ ou os agentes da história, uma vez que eles podiam agir apenas com base em condições históricas criadas por outros e sob as quais eles nasceram, utilizando os recursos materiais e de cultura que lhes foram fornecidos por gerações anteriores. (HALL, 2006. p. 34-35)

Uma cena em que podemos observar essa diferença é a da morte do casal. Em Shakespeare, ela acontece na cripta dos Capuleto, onde também estão mortos Páris e Tebaldo. No filme, ocorre em uma igreja com uma infinidade de cruzes ao redor (Fig. 2). A simples mudança de local em um e outro tipo de narrativa pode provocar várias interpretações. Se tomarmos essa cena para analisar, Lurhmann mostra a visão de um amor sublime, aquele que transcende a morte. Se lembrarmos do significado da cruz como símbolo de salvação, o cineasta acaba formando uma visão religiosa sobre a cena.



Neste caso, os dois jovens se encontrariam após a morte. Apenas o fato de eles morrerem na Igreja, em cima do altar, já sugere a idéia de subida ao céu.

Já o texto de Shakespeare pode ser interpretado de outra maneira, talvez ele possua uma visão mais ampla. O público não é obrigado a acreditar naquele amor do catolicismo, que seria eternizado no céu. Sua tragédia acaba atingindo uma pluralidade maior de pessoas, pois o que a morte do casal representa é simplesmente a supremacia do amor. Ela, inclusive, invade a crise das duas famílias e acaba cessando-a. No dramaturgo, independentemente de quem crê ou não no catolicismo, todos são levados a acreditar no amor, em seus vários aspectos.

É válido ressaltar que, mesmo que Lurhmann desenvolva interpretações em cima da obra de Shakespeare, sua obra é válida por si própria, uma vez que seu objetivo não é o da “fidelidade” ao texto do autor inglês. Não necessariamente a pessoa precisa ter um conhecimento prévio do período elizabetano, de Shakespeare ou da própria história contada, para selecionar os elementos que constarão da nova versão. O filme em si cria várias significações, independentes daquilo a que esteja atrelado, sobretudo quando os elementos em questão têm caráter universal e atemporal.

O Shakespeare do século XX é diferente daquele do século XIX; o Shakespeare da década de 1970 é diferente do Shakespeare da década de 1960. E assim será enquanto houver civilização; e cada novo aspecto de Shakespeare será tão verdadeiro quanto qualquer outro. (BURGESS, 2008. p.89)

## CONCLUSÃO

Ambos os textos (livro e filme) são expressões válidas de representação da história de “Romeu e Julieta”, sem que um possua maior valor cultural que o outro. Até porque acreditar na cultura como algo que se possa medir ou atribuir valor é um pensamento que deveria ter ficado com os frankfurtianos<sup>6</sup>.

Deste modo, no filme, certos aspectos da obra original foram interpretados e transformados pelo cineasta naquele novo momento histórico. Inclusive essa constante mudança, constante atualização, é necessária no campo das artes.

---

<sup>6</sup> Teóricos da Escola de Frankfurt que, em suas pesquisas criticavam a cultura de massa, ou seja, a cultura produzida pelos meios massivos.



Toda repetição está carregada de uma intencionalidade certa: quer dar continuidade ou quer modificar, quer subverter, enfim, quer atuar com relação ao texto antecessor. A verdade é que a repetição, quando acontece, sacode a poeira do texto anterior, atualiza-o, renova-o e (por que não dizê-lo?) o re-inventa. (CARVALHAL, 1998, p. 53-54)

Fazer a literatura, cinema ou televisão são formas de expressar idéias, sejam elas fictícias ou não. Quando lembramos que cada autor vive um contexto diferente, conta com um repertório diferente, entendemos porque uma obra não é a cópia da outra, mas sim uma reinvenção. E é esse sentimento que se tem ao ler “Romeu e Julieta” ou ao assisti-la.

### Referências Bibliográficas

BOQUET, G. **Teatro e Sociedade: Shakespeare**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

BOTTON, Fernanda Verdasca. **Da tragédia ao Romantismo: Dois olhares sobre o amor de Romeu e Julieta**. Disponível em: <[http://www.uniabc.br/site/revista/pdfs/12\\_da\\_tragedia\\_romantismo.pdf](http://www.uniabc.br/site/revista/pdfs/12_da_tragedia_romantismo.pdf)> Acesso em 18 de março de 2011.

BURGESS, Anthony. **A literatura inglesa**. [Traduzido do original: English Literature - a survey students]. Duda Machado (Trad.). São Paulo: Ática, 2008.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 1998.

**CATECISMO da Igreja Católica**. Cidade: Edições Loyola, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed.<sup>a</sup> edição Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLDEN, Anthony. **Shakespeare**. São Paulo: Ediouro, 2003.

PENNAFORT, Onestaldo. Notas em SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta**. [Traduzido do original: Romeo and Juliet]. Onestaldo de Pennafort (Trad.). Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Saúde, 1940.

**ROMEU + JULIETA**. Produção: Baz Luhrmann. Estados Unidos: 20th. Century Fox, 1996. (120min), color.

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta**. Porto Alegre: LPM, 1998.